

DESAFIOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA EM PSICOSSOCIOLOGIA:

Quando o ator é um espírito do outro mundo

**Methodological Challenges on Psychosociological Approach:
When The Actor Is A Spirit Of Another World**

Sônia Regina C. Lages¹
Maria Inácia d'Ávila²

RESUMO

O presente artigo parte um estudo que investiga a possessão de mulheres pela entidade da Pombagira na religião afro-descendente da Umbanda, focalizando, através da análise do discurso, as práticas de resistência aos valores da cultura patriarcal brasileira. A questão que, por ora, se levanta é quanto aos limites das metodologias existentes para analisar a complexa rede de comunicação e de relacionamentos que se constroem entre os vivos e os espíritos de pessoas que vivem em um outro mundo e que acabam por consolidar novas experiências culturais, visões de mundo, *ethos* e memória coletiva.

Palavras Chave: Pombagira; metodologia de pesquisa; redes de comunicação.

ABSTRACT

This paper originates from a study which investigates women possession by Pombagira entity in African-descendent religion Umbanda, focusing, through discourse analysis, the resistance practices against the values of Brazilian patriarchal culture. The question focused is about the limitations of existing methodologies in analyzing the complex communication and relationships network that are built between living persons and spirits of people who dwell in another world and which end up consolidating new cultural experiences, worldview, ethos and collective memory.

Keywords: Women possession; Pombagira; Communication networks.

¹ Doutora em Psicossociologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ - Programa EICOS), Mestre e Especialista em Ciências da Religião pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Professora da Faculdade Estácio de Sá de Juiz de Fora.

E-mail: sonialages@ig.com.br

² Professora Titular do Programa EICOS - Estudos Interdisciplinares de Comunidades e Ecologia Social-Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

E-mail: inadavila@uol.com.br

As dificuldades quanto aos métodos utilizados pelas ciências sociais e humanas na pesquisa com comunidades desfavorecidas, oprimidas e dominadas, foram levantadas por D'Ávila (2002). A questão central, colocada pela autora, é de que maneira os especialistas e pesquisadores representam a participação popular em suas pesquisas, motivados em promover o saber popular e suas práticas frente ao saber científico e teórico do poder dominador.

Tais pesquisas, na grande maioria das vezes, partem do princípio de que existe uma cultura popular homogênea, um único saber que permeia determinado grupo ou comunidade e que se constituiria como o referencial e a voz de todos os indivíduos em suas reivindicações sociais e em seus projetos particulares de vida. Tal questão é complexa, a partir do momento em que surge outra visão através do saber popular que é fragmentado e, sendo assim, não se pode falar de uma conscientização e de uma emancipação que tenham um único sentido para todos. (ibid.)

Considerando tais questões, o presente artigo parte de uma pesquisa de doutorado, realizada através do Programa Eicos da UFRJ, e que estuda a relação entre as mulheres médiuns e a entidade espiritual, a Pombagira¹, que elas recebem durante o ritual de possessão. Parte-se do pressuposto de que a mulher médium, ao ser possuída por um espírito avesso aos bons costumes e pensamento homogeneizador do discurso oficial, acaba por adotar em sua vida cotidiana, o comportamento transgressor da entidade. A pesquisa foi realizada no terreiro “Caboclo Pena Branca”, situado no Bairro Progresso, na cidade de Juiz de Fora, MG.

A observação de campo levou-nos a pensar sobre a rede de comunicações e de relacionamentos que se estabelece entre os vivos e os que ainda vivem no além. Assim, se a problemática levantada por D'Ávila, traz à tona a necessidade de se rever os métodos de pesquisa, questionando seus pressupostos básicos, sua condução e prática, outro elemento chega como complicador, quando a pesquisa envolve atores do “outro mundo”.

Se as narrativas de uma comunidade carregam tanto as subjetividades quanto toda a memória coletiva de seu grupo familiar, social e cultural, considerando mulheres, homens, crianças, velhos, diferentes etnias, diferentes pertencas religiosas, políticas, etc., tal fato já tem suficientes questões para se repensar a metodologia de pesquisa direcionada nesse campo, um desencarnado, ao entrar com sua narrativa na pesquisa, irá exigir novas reflexões.

¹ A Pombagira é uma entidade feminina, poderosa e cheia de sensualidade, que se apresenta dançando e gargalhando, muito consultada para cura de males de saúde e sortilégios de amor. Para Monique Augras (2000) é o retorno do reprimido feminino, como podemos ver em De Iyá Mi a Pombagira (Veja bibliografia)

Primeiramente é preciso situar de que além vem esse ator e que, no caso aqui, trata-se da cosmologia umbandista. A Umbanda é uma religião afro-descendente, urbana, criada no Brasil, marcada pelo ritual da possessão e pelo sincretismo religioso, abarcando elementos do catolicismo, do espiritismo e dos cultos africanos e indígenas nacionais. É uma religião marginalizada pela sociedade e pelas outras religiões (inclusive pelo Candomblé), que a considera como uma deturpação da pureza das religiões africanas e uma degeneração social e moral, pois em seu terreiro dançam também espíritos que habitam as trevas, o mundo inferior, ou seja, têm um link com o diabo. É nesse habitat, chamado de Quimbanda (lado esquerdo da Umbanda) que também dança a Pombagira.

É, ainda necessário, pensar um pouco sobre quem é esse morto, ou essa morta, que tanto se faz presente na vida das mulheres, no seu dia-a-dia – “A Pombagira me influenciou, ela sabe. E influenciou e muito. Eu entrei na bebida, não podia ver uma cerveja que eu queria beber. Saía do serviço e já parava num barzinho pra beber.” (L. 45 anos) – quanto nos rituais do terreiro. Ou, ainda: “(...) eu peço sempre assim como eu faço em fim de ano, igual pra Pombagira Cigana da Estrada, já agradeço a ela, peço a ela que me dê um bom ano, que me dê saúde, que me dê firmeza, que me dê segurança, sabe, boa concentração.” (A. 63 anos).

A morte na Umbanda sugere que o morto acaba se dissolvendo no plano dos espíritos e, ao retornar ao mundo dos vivos, será um outro ser, desta ou de outra sociedade de vivos, neste ou em um outro tempo do futuro, próximo ou remoto. (...) ao reencarnar em um novo ser social, o espírito errante esquece todas as suas existências encarnadas anteriores. Apenas iniciados e em situações especiais podem lembrar “vidas passadas.” (BRANDÃO, 1994, p. 232).

Assim, já aparece aqui o primeiro complicador. Ao entrevistar a Pombagira, não há como apreender todas as suas trajetórias, que foram muitas (ela pode estar se reencarnando deste a Antiguidade). Não há como saber a que comunidades ela pertenceu, como ela elaborava as ideologias e práticas repressoras da cultura e da sociedade, pelo simples motivo de que ela se esquece de suas vidas passadas. Não existem referenciais concretos: datas, lembranças de eventos históricos, espaço geográfico. Sua linguagem, muitas vezes, é incompreensível e, para compreendê-la, é preciso que ela seja traduzida por um cambone.

No entanto, esse corpo que se apodera de outro, negocia com os atores sociais, os afiliados da entidade, favores, trocas de serviços, homenagens. Esse ser do além, também depende do sujeito que ainda tem sua residência fixada neste mundo, para lhe apontar o caminho da luz, e assim o espírito errante não precisar nunca mais voltar. Mas existe, ainda,

o cambone¹ que tem um papel importante: enquanto a Pombagira possui o corpo da mulher médium, momento em que se cruzam inúmeras histórias de vida, divergentes, ambíguas, um outro agente (o cambone), também se conecta na rede, e com sua pedagogia (que reproduz os valores sociais bem aceitos) tenta convencer o espírito (qual deles? de quem?) a se comportar como manda a cartilha dos bons costumes.

Mas ainda, há mais: a chefe do terreiro. Ela tem um papel fundamental na organização, na ideologia, nos princípios e comportamentos tanto dos médiuns como da assistência. É ela que manipula o código dos santos e o código burocrático. (MAGGIE, 2001). Assim, é ela que determina os passos do desenvolvimento da mediunidade do indivíduo; a permanência ou não de um espírito na gira; a explicação da origem do espírito possessor, que desce sem ser chamado; a quantidade de álcool que o espírito pode ingerir. Por outro lado, é a chefe do terreiro que controla racionalmente o estatuto do terreiro, as regras e as punições aplicadas às pessoas médiuns que se desviam das normas; é ela que conduz os conflitos entre os membros do grupo; é ela que determina que tipo de demandas serão aceitas pelos espíritos, dentre outros.

Em culturas fundadas nas relações (DA MATTA, 1987), como o Brasil, fala-se muito mais nos mortos do que na morte, fazendo prolongar a memória do morto, dando àquela pessoa que foi viva, uma forma de realidade social, marcada por esperanças e vontades que não se puderam realizar concretamente, pessoal ou coletivamente. Existe todo um aparato para se fazer uso do morto, pelos vivos da sociedade. Na voz de Da Matta:

Os mortos imediatamente se transformam na nossa sociedade, passando a ser pessoas exemplares e orientadoras de posições e relações sociais. O morto, portanto, serve de foco para os vivos, para a casa e para a rede de relações, vivificando e dando forma concreta aos elos que ligam as pessoas de um grupo (ou comunidade, dependendo do morto e de sua qualificação social) umas com as outras. (ibid, p. 170)

No caso da Pombagira, o seu retorno no corpo da médium, continua falando da mágoa, da raiva, do abandono, da discriminação, em que viveu em outras vidas. Também em sua narrativa não há busca pela redenção, quem tem essa tarefa são os cambones (que seguem as regras da chefe do terreiro), que tentam convencê-la das maravilhas que é ter uma vida correta e iluminada.

¹ Cambone é o nome que se dá aos médiuns que são preparados para auxiliar as entidades espirituais que descem no terreiro através do corpo de outros médiuns. Ele tem um papel importante: além de conversar com os espíritos sem luz, tentando convencê-los de adotar valores e comportamentos aceitos socialmente, ele traduz para as pessoas que fazem pedidos às entidades, a linguagem do mesmo, e, ainda, prepara as bebidas preferidas do espírito e protege seu corpo físico, impedindo-o de se machucar quando o espírito entra e sai do corpo do médium, momento em que lança o corpo do médium, muitas vezes, de forma violenta no chão.

É preciso, então, pensar na perspectiva metodológica adotada para se pesquisar redes de relacionamentos tão complexas e ambíguas: a tradução que o pesquisador faz da narrativa da Pombagira parte da concorrência de discursos institucionalizados que passaram por toda sorte de manipulações: resistência, incorporação, desvios. E aqui, voltamos a lembrar os diversos elementos que traçam e tecem a narrativa do espírito feminino estudado: a quantidade de atores – a própria médium que incorpora a entidade, o próprio espírito da Pombagira, os cambones, a chefe-do-terreiro, a assistência (cada um com a manipulação que faz dos discursos oficiais). Também diferentes são o tempo e o espaço que localizam a entidade: ela está agora no terreiro, mas acabou de chegar, seja da Idade Média, sabe-se lá de que país e de que ano, seja da França, por volta do século XVII; seja de um grupo de ciganos que viveram na Espanha, por volta do ano de 1500; ou aqui mesmo do Brasil, do Nordeste ou do Rio de Janeiro. A narrativa de cada ator acima citado, o tempo e o espaço, intervêm e transpassam o discurso da entidade, tornando-o ambíguo.

Considerando as ideologias subordinadas como contraditórias (HALL, 2003), pode-se observar na narrativa daquela entidade feminina, tanto o rompimento dos padrões de conduta reservados às mulheres, como a sua falta de solidariedade pelas outras mulheres, seja as que tiveram uma vida como a sua, como pelas que tinham marido e filhos:

Não gosto de muié, cumi os fio delas tudo no ninho. Gosto é de macho e de macho bão. (...) Eu tive presa, porque matei uma mulher. Eu dei veneno porque ela brigou, me chamou de puta. Senti uma revolta muito grande, aí eu dei veneno pra ela, matei ela e mandei pros quinto dos inferno. E não me arrependo. Ela era uma mulhé da vida igual eu, mas ela queria meu macho. (Pombagira Cigana)

Continua Cigana:

Tem mulher que acha que PG é só pra dar homem, mas não, Pombagira dá emprego, cura doenças, entendeu muié? Se ocê me pedir proteção, eu te dou proteção, que depende daquilo que você me pedir, entendeu mulhé?

Como coloca D'Ávila, (2002), essas contradições devem ser sempre consideradas pelo pesquisador ao estudar as comunidades ditas de cultura popular. O fato de se estar pesquisando uma personagem que, quase de imediato, nos leva a pensar que estamos lidando com alguém possuidor de um discurso genuinamente transgressor, tem que ser tomado com cuidado, pois as expectativas do pesquisador podem traduzir aquelas mulheres a partir de suas próprias expectativas e estereótipos. O perigo disto é a possibilidade do pesquisador continuar a propagar e reproduzir os papéis sociais já pré-determinados da

cultura, que transforma em folclore as experiências do outro, como foi feito com os índios brasileiros, por exemplo.

Na contramão da concepção binária iluminista, que de um lado coloca os particularismos e as tradições, e do outro lado, o universalismo e a modernidade, que torna as fronteiras maleáveis, móveis, é que Stuart Hall (2003) tem a proposta de compreender a cultura popular como sendo sociedades compostas de muitos povos, como é o caso das Américas, em que as origens não são únicas, mas diversas, e que o vínculo com o colonizador não foi capaz de destruir por inteiro sua originalidade. Assim é, que os indivíduos passam a fazer parte de uma relação dialógica mais ampla com o “outro”, o que ele chama de cultura híbrida, mas não no sentido de uma composição racial mista de uma população, ou de suas apropriações ou adaptações, mas sim, no sentido de uma “tradução cultural” . (HALL, 2003, p. 74). Tal conceito se refere a um processo de revisão que a cultura faz de seus valores de referência, negociados através da diferença com o outro. Para ele, “o essencial em uma cultura popular são as relações que colocam a “cultura popular” em uma tensão contínua (de relacionamento, influência e antagonismo)”. (Ibid, p. 257).

Tais antagonismos são coerentes quando se considera a multiplicidade e as centenas de entidades que pertencem ao panteão umbandista. Guimarães (2001) aponta para a surpreendente capacidade de um mesmo personagem desde panteão mítico adquirir formas e comportamentos diferentes, e de sua ampla a capacidade de metamorfose. A autora trabalha com o conceito de mediação cultural, considerando como a relação com uma determinada entidade sobrenatural potencializa campos de significados aparentemente excludentes. Tal possibilidade é viabilizada pela multiplicação e fragmentação dos domínios sociais, que ocorre hoje nas sociedades modernas contemporâneas, que torna os indivíduos sujeitos a grandes transformações e ficando cada vez mais capazes de manipular símbolos entre si, criando novos espaços e contextos de significação. (Ibid.).

Guimarães relata o caso de uma mulher médium, Alzira, que recebe a Pombagira Maria Padilha na Umbanda e que deixando de cumprir obrigações rituais, devido aos problemas pelos quais passava em sua vida pessoal, que culminou com a traição do marido, sofre uma crise e é internada num hospital psiquiátrico.

A relação com os agentes sobrenaturais é uma relação de troca constante e assimétrica – qualquer falta, qualquer afastamento do terreiro e das obrigações rituais, podem provocar verdadeiras catástrofes na vida pessoal do médium. Guimarães aponta que a crise agencia uma metamorfose – a mulher, de médium é transformada em doente mental. Após o tratamento que se deu no hospital psiquiátrico, outra metamorfose – Alzira volta para o terreiro, e sua Pombagira se torna doutrinada (a Pombagira que foi domada, aceitou os

ensinamentos, ganhou luz, saiu das trevas, e quando desce só atende aos pedidos que não irão prejudicar ninguém).

A autora chama a atenção nesse caso para a rede de interações simbólicas ocorridas em campos distintos de sistemas cognitivos – o tratamento de Alzira no hospital se dividiu em dois – o da ciência médica, que a fazia tomar remédios, e o religioso, que só ela e seus familiares tinham conhecimento.

A autora prossegue em sua análise, chamando atenção para o fato de que a Umbanda se constitui por um sistema de crenças que coloca em interação e articulação elementos naturais e sobrenaturais. Esses últimos, estão constantemente presentes no cotidiano das pessoas. O desvio leva o indivíduo à perturbação. Essa perturbação não está no indivíduo, ela é deslocada para as relações. Assim, “nesse sentido não são os indivíduos que são anormais, mas sim as relações que eles estabelecem nesse mundo.” (Ibid., p.307), ao contrário da psiquiatria que, na doença mental, enfatiza o indivíduo autônomo.

É a percepção de Alzira de que as coisas que existem fazem parte de um espaço que é interior, que está dentro do seu corpo (dentro dele o sobrenatural trafega), é que permitiu o seu diálogo com o médico, e aceitou tomar os medicamentos, apesar do psiquiatra, insistentemente tentar convencê-la que a mediunidade não tinha nada a ver com sua doença.

Guimarães argumenta que o caso de Alzira indica um conjunto de tensões que se dá entre diferentes domínios – o religioso e o médico, o mágico e o científico, que foram postos em relação. O risco, e ele é bastante significativo, é o de embate, de afastamento da possibilidade de articulação de construção e reelaboração de significados. No presente caso, a crença de Alzira na relação que ela mantém com entidades sobrenaturais, e aqui a Pombagira, fez dela uma mediadora cultural.

No recontar de sua história de vida, ao vincular sua cura à articulação de categorias culturais provenientes de diferentes mundos culturais, Alzira se revela como um mediador capaz de construir em si para si diferentes espaços de mediação. (Ibid., p. 314).

Esse trânsito, permitido pela posse em diferentes domínios, como colocou Guimarães, se dá de uma forma complexa e diferenciada em termos de construção social da realidade. Os limites entre o ser psicológico, e a pessoa, expressão de paradigmas culturais, são muitas vezes fluídos e movediços. (VELHO, 1994). Existem momentos em que personagens podem estar representando valores abstratos como a sabedoria, a coragem, a malandragem, e já num próximo momento, quase imperceptível, tem-se indivíduos específicos, concretos e biografáveis. Aqui, Velho coloca as entidades na posse

funcionando como possíveis mediadores nesse processo de individualização e desindividualização. Elas próprias expressam a tensão entre ser uma Pombagira genérica, ou a Maria Padilha de determinada médium, com determinada característica, gosto e personalidade. O domínio do sobrenatural é fundamental para se compreender o sistema cultural no qual está inserido. Diz Velho:

Temáticas centrais, como as transformações nas relações sociais e nos modelos tradicionais de inserção social e construção da identidade, são expressas e dramatizadas em todos esses rituais, não traduzindo, mas produzindo experiências sociais significativas. Além de serem expressão, *são e elaboram* o social. (Ibid., p. 61-62).

Assim, podemos observar na vasta rede de relacionamentos e comunicação, que se configura na possessão da mulher médium pela Pombagira, a presença de uma cultura híbrida e de resistência, uma articulação de forças que ora contém, ora rompem com o sistema vigente. Tal rede aqui lembra as redes virtuais que se constituem na internet. Inácia D'Ávila (2002), refletindo sobre a possibilidade de se pensar as sociedades em rede, como novas formas de comunidade, diz que a busca da utopia comunitária, fundamentada na fraternidade e na solidariedade, retorna revestida de uma linguagem pós-moderna. Diz D'Ávila sobre os internautas que se agrupam nas redes da internet, que eles são híbridos que tentam se comunicar entre si, sendo ao mesmo tempo os de dentro e de fora, face às várias comunidades que acabam por se constituir no ciberespaço.

Em analogia àquelas redes, as narrativas da Pombagira, que no momento presente ocupa o corpo da médium, remetem a outras narrativas, que relatam experiências vividas em outros lugares, em um outros tempos. Mas ao se chegar lá, ela abre uma outra “porta” e nos apresenta uma outra mulher, que narra outras trajetórias. E assim, sucessivamente, pois as reencarnações não cessam, pelo menos até que os cambones e a chefe do terreiro, convença-a de que mais vale se ajustar ao sistema. Nesse momento, que é bastante raro de acontecer, a entidade deixa de se reencarnar, pois encontrou a luz.

Considerando tais questões, acreditamos que a metodologia de pesquisa utilizada para compreender tais relações na psicossociologia, precisa ser revisitada. Não temos a resposta, apenas o incômodo de sabermos que elas são insuficientes para dar conta de tantos atores que se revezam, nesse mundo e em outros mundos, com seus saberes, resistências e ambigüidades, e que no caso da Pombagira, remontam séculos atrás. A história de vida, a entrevista aberta ou semiestruturada, o estudo de caso, a pesquisa participante são instrumentos que são capazes de guiar uma pesquisa nesse tema, mas sem dúvida são bastante limitantes, principalmente quando, no estudo da possessão se

investiga a despersonalização que ocorre, e a seguida transformação. Para a psiquiatria, tal fenômeno é imediatamente associado à questão da doença mental: histeria, dissociação psíquica, psicose, dentre outras patologias.

Apesar dessa visão racista e etnocêntrica não serem mais dominante, ela continua sendo bastante complexa, principalmente quando passamos a nos referir à estrutura psíquica do indivíduo, o que passa a ser um grande problema para a psiquiatria, cuja visão está fundada na idéia de ego. Como diz Birman:(1978)

A principal, e não reconhecida até hoje pela maioria dos psiquiatras, é que nesse fenômeno estamos lidando com uma concepção, particular do que seja pessoa humana. Se compararmos em duas fórmulas a visão psiquiátrica e a umbandista, teremos de um lado a fórmula “vários espíritos numa só cabeça” e, de outro, “um só espírito para uma única cabeça”. (Ibid., p.18-19).

A psicologia do ego coloca o indivíduo sob total controle de sua consciência, garantindo uma coerência e fidelidade a si mesmo. No entanto, a possessão só pode ser vista como quebra desse pilar, uma vez que o indivíduo sofre uma perda dessa consciência. Para os umbandistas, a pessoa, por destino, está sujeita a espíritos diversos que a escolheram como cavalo. Existe na religião uma outra visão: ao invés do indivíduo centrado nele mesmo, “tendo a sua consciência como fulcro de sua pessoa, ele é integrado num sistema mais global, objeto da ação de forças diversas que podem se chamar Xangô, lansã, preto-velho e outros mais”. (Ibid., p.20-21).

Se, como foi visto, de forma alguma é possível encontrar um conhecimento homogêneo que permeia as narrativas das informantes, por outro lado, considerando a heterogeneidade dos discursos, e adotando uma análise diacrônica (KENDALL; WICKAM, 2000) com o intuito de se buscar a raiz, os tramas e dramas que teceram as contingências e que fizeram emergir no terreiro de Umbanda, as personagens investigadas, nos perguntamos até onde buscar essas raízes, se, ao tentarmos traduzir o discurso da Pombagira Maria Padilha que viveu em Portugal, ela nos confunde insinuando que carrega também outras biografias, tempos e lugares.

E como conseqüência desse variado percurso, segue outra pergunta: até que ponto podemos considerar que existe um saber local, que constitui o terreiro Caboclo Pena Branca, situado no Bairro Progresso da cidade de Juiz de Fora, Minas Gerais, se não conseguimos, através da metodologia existente, capturar a entidade nas malhas científicas de que dispomos, localizando-a num espaço geográfico, com endereço, data de nascimento e outros elementos que confere identidade? Prosseguimos, ainda, com nossas indagações: de que forma a médium que serve de cavalo para a entidade, os cambones, os outros e

outras médiuns, a assistência que faz demandas ao espírito possessor, articulam tais experiências transnacionais da Pombagira em sua vida cotidiana? Que método alcançaria a desfragmentação de tantas identidades que entram na rede da possessão, e acabam se rearticulando e gerando novos sentidos e significados?

Talvez para nos aproximarmos de algumas respostas seria necessário, primeiramente, nos afastarmos da nomenclatura, elemento tão precioso para a ciência. A pergunta fatídica utilizada pelos inquisidores “- Quem está aí?” (DE CERTEAU, 2000), não mudou muito. Ao entrevistar uma Pombagira, a tentação de se perguntar “quem é você?”, “qual é o seu nome?”, se torna quase que uma obsessão. A resposta da possuída também permanece a mesma: se na inquisição ela dava como sendo seu nome, centenas de nomes de demônios, hoje, escapando da mente racional do pesquisador que tenta fixá-la em um ponto mais observável, ela, de certa forma responde: sou muitas mulheres.

Quem sabe fosse preciso nos contentarmos em buscar apenas os movimentos, não nomes, lugares, datas, origens, mas tentar apreender o que tem resistido, o que tem durado. Buscar, assim, a qualidade do poder que faz com que mulheres atravessem e rompam com a barreira da lógica do tempo, e que descendo num corpo feminino encontrem eco para suas tão antigas histórias.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Augras, M. De Iyá Mi a Pomba-gira: Transformações e símbolos da libido. In: C. E. M. Moura. **Candomblé – religião de corpo e alma**. Rio de Janeiro: Ed. Pallas, 2000.
- BIRMAN, Joel. A Psiquiatria como discurso da Moralidade. Rio de Janeiro: Graal, 1978.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A alma do outro – identidade, alteridade e sincretismo na ética de reciprocidade entre vivos e mortos em religiões do Brasil**. São Paulo: Papirus, 1994.
- DA MATTA, Roberto. A morte nas sociedades relacionais: reflexões a partir do caso brasileiro. In: DA MATTA, R. **A casa e a rua**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1987.
- D'ÁVILA, Maria Inácia. La participation ambiguë. In: **Courrier de la Planète**, n. 74, 2002
- DE CERTEAU, Michel. **A escrita da história**. São Paulo: Editora Forense Universitária, 2000.
- GUIMARÃES, Patrícia. O doutor e a Pombagira: um estudo de caso da relação entre psiquiatria e Umbanda. In: VELHO, Gilberto, KUSCHNIR, Karina. **Mediação, cultura e política**. Rio de Janeiro: Aeroplano Editora, 2001, p.239-316.
- HALL, Stuart. **Da diáspora – identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- KENDALL, Gavin; WICKHAM, Gary. **Using Foucault's methods**. Sage Publications: London, Thousand Oaks – New Delhi, 2000.
- MAGGIE, Yvonne. **Guerra de Orixás: um estudo de ritual e conflito**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- VELHO, Gilberto. Indivíduo e religião na cultura brasileira.. In: VELHO, Gilberto. **Projeto e metamorfose – antropologia das sociedades complexas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.